

A NOÇÃO DE ESPAÇO E LUGAR EM *THE FARMING OF BONES*

Lola Aronovich Agüero
Michel Emmanuel Félix François
Universidade Federal do Ceará

Resumo: A noção de lugar e espaço é um tema constante no pós-modernismo, pois está ligado à ideia da falta de raízes. Pode-se dizer que, ao mudarmos para uma casa vazia, nos deparamos com um espaço. Porém, ao mobiliá-la com nossos pertences, ela se transforma num lar, num lugar. Segundo David Harvey, um lugar oferece segurança, e o espaço de um lar é distribuído para conter e reproduzir relações de gênero e de idade. Isso pode ser observado em **The Farming of Bones**, romance de 1998 de Edwidge Danticat, em que ela relata um importante acontecimento na história de duas nações, a República Dominicana e o Haiti. No massacre de 1937, o general Trujillo ordenou a matança de cortadores de cana haitianos que viviam na República Dominicana. No início do romance, antes do massacre, os personagens de **The Farming of Bones** dividem um espaço, sem que todos cheguem a torná-lo um lugar. Amabelle, a empregada haitiana e protagonista do livro, faz de seu amante, Sebastien, seu porto seguro. Quando ele desaparece, ela passa a procurá-lo, e sua busca representa uma tentativa de encontrar um lar. Em sua busca, ela narra o esforço de uma nação em esquecer um passado sangrento. Esquecer a História deixa um espaço, que deve ser ocupado por um lugar — a memória. O presente artigo analisa esses conceitos de espaço e lugar e os relaciona ao romance de Danticat que, por sua vez, está relacionado à História e à identidade cultural de dois povos.

Abstract: The notion of place and space is a frequent theme in postmodernism, since it is connected to the idea of lack of roots. We can say that, when moving to an empty house, we encounter space. However, when we include our belongings, it becomes a home, a place. According to David Harvey, a place offers security, and the space of a home is distributed so it can contain and reproduce gender and age relations. This can be observed in **The Farming of Bones**, Edwidge Danticat's 1998 novel, in which she writes about an important happening in the history of two nations, the Dominican Republic and Haiti. In the massacre of 1937, General Trujillo ordered the killing of Haitian sugarcane workers who lived in the Dominican Republic. In the beginning of the novel, before the massacre, the characters in **The Farming of Bones** divide a space, but not all of them are able of making it a place. Amabelle, the Haitian maid and protagonist of the novel, sees her lover, Sebastien, as her safe harbor. When he disappears, she desperately looks after him, and her search represents an attempt to find a home. During her search, she narrates a nation's effort in forgetting a heinous past. Forgetting history leaves a space, which must be filled in by a place – memory. The present article analyzes these notions of space and place and relates them to Danticat's novel, which is in itself related to history and to the cultural identity of two peoples.

David Harvey, em **The Condition of Postmodernity**, Fredric Jameson, no seu famoso ensaio “Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism,” e Benedict Anderson, no seu igualmente notório **Imagined Communities**, têm escrito sobre a sensação predominante de não ter raízes, provocada pelo pós-modernismo. Em sua distinção entre espaço e lugar, pode-se dizer que, ao nos mudarmos para uma casa,

temos um espaço vazio. Quando a decoramos com nossos pertences, ela torna-se um lugar. Para Linda Alcoff, a questão é por que devemos estar presos a nossa locação. Embora por locação ela se refira à identidade sociocultural, este conceito também pode estar ligado à dicotomia entre espaço e lugar. A própria cultura pode ser vista como o lugar onde nos encontramos, ou o espaço em que nos perdemos.

O romance **The Farming of Bones**, escrito em 1999 por Edwidge Danticat e ainda sem tradução para o português, é um cenário propício para tratar das questões acima. Ele apresenta a experiência do desenraizamento do povo haitiano, que, diante da situação econômica, busca trabalho na República Dominicana. A protagonista, Amabelle, que é também a narradora, procura uma integração no espaço em que vive.

O contexto espacial mostrado no romance é um elemento constitutivo do ato do discurso individual. Os dois povos que habitam a ilha se expressam de forma diferente. A parte ocidental da ilha, o Haiti, foi palco de várias guerras ensanguentadas entre diversas potências. Ingleses, espanhóis, franceses e americanos fizeram sua presença sentir-se em vários momentos. Logo após a descoberta da ilha por Cristóvão Colombo, os espanhóis dizimaram os indigenistas que nela viviam. Os primeiros colonizadores, na sua ânsia de explorar as riquezas naturais da ilha, usaram de astúcia para enganar e subjugar os nativos. Vieram os ingleses, depois os franceses, que colonizaram o Haiti durante muitos anos até a independência do país, em 1804 – o primeiro país latino-americano a declarar-se independente.

A complexidade da formação do povo haitiano tem consequências marcantes na história do país. Os índios nativos, por suas características inerentes de um povo livre com uma estrutura social predominantemente não individualista, foram logo substituídos por africanos mais resistentes ao ritmo de trabalho desumano imposto pelos colonizadores. Como o próprio romance menciona, os pais da nação – Toussaint Louverture, Christophe e Jean-Jacques Dessalines – se organizaram para libertar os escravos do jugo dos colonizadores franceses. Derrotaram de forma heróica um dos mais potentes exércitos da época, o exército de Napoleão Bonaparte. O Haiti tornou-se o primeiro país negro independente do mundo.

No entanto, os EUA, escravagistas, e as grandes potências que colonizaram as Américas, não reconheceram a independência do Haiti, com medo de que a revolução se espalhasse para outras colônias do continente americano. De fato, historiadores relatam a participação de combatentes haitianos na guerra de independência dos Estados

Unidos, junto com os franceses. Também se relata que soldados haitianos lutaram ao lado de Simão Bolívar no movimento revolucionário da América do Sul. Diante dessa nova ameaça, as potências da época optaram pelo bloqueio marítimo da ilha, estrangulando a economia da jovem nação, abandonada ao isolamento, com consequências devastadoras que ainda se fazem sentir nos dias atuais, contribuindo com a instabilidade econômica e política do país – o mais pobre do hemisfério norte.

Outro fator que colaborou, embora não intencionalmente, para o empobrecimento do país foi o próprio ardor revolucionário dos pais da nação. Na guerra para a independência foi usada a tática de guerrilha, que para combater o exército inimigo tomava de assalto as grandes propriedades e as reduzia a chamas e cinzas. Desta forma, nada restou do solo fértil que, em grande parte, era ocupado por plantações de cana de açúcar, moeda importante para a economia dos colonizadores. Logicamente, os haitianos herdaram um país devastado e improdutivo. Erroneamente, a brutalidade da guerra não poupou a vida dos colonos que, mesmo vencidos e rendidos, foram mortos e perseguidos (outros se salvaram fugindo para ilhas vizinhas). Esta atitude vingativa dos novos donos da terra, mesmo admitindo-se a cegueira e a dor provocadas pelos maus tratos que lhes foram infligidos quando escravos, teve uma carga onerosa na formação do país. A elite branca francesa detinha o conhecimento e os meios de produção, além das grandes riquezas extraídas do país.

No início da formação do Haiti, a população era composta por uma maioria negra descendente de escravos, de mulatos provenientes das relações interracialis entre colonos brancos e negros, de uma minoria branca inexpressiva financeiramente que conseguiu permanecer na ilha, e de poucos índios nativos que viviam isoladamente nas montanhas. Dessa nova formação social nasceu uma língua, o crioulo, cujas características determinantes são as fortes influências do idioma francês e dialetos africanos. Porém, os haitianos adotaram o francês como língua oficial das instituições, do clero e da educação, enquanto o crioulo era mais usado em ambientes informais do cotidiano. Desta forma, o domínio do francês facilitava o acesso às forças de produção e ao desenvolvimento econômico, enquanto que a maioria negra analfabeta que somente podia se expressar em crioulo ficava à margem da sociedade.

A situação econômica do Haiti, agravada pela dívida que os bancos franceses cobraram do país independente como reparação por danos aos proprietários de escravos, levou os filhos da jovem nação a migrar para outras terras em busca de novas oportunidades de trabalho. Podemos considerar dois tipos de migração: a permanente e

a temporária. Em ambos os casos, o indivíduo buscava sua sobrevivência em uma nova realidade — um novo espaço para ser transformado em lugar —, diferente do meio a qual pertencia. A ânsia de obter recursos que garantiriam sua sobrevivência em uma terra estrangeira ao mesmo tempo enchia o indivíduo de esperanças e incertezas. Porém, logo depois da sua chegada ao seu destino, o indivíduo se deparava com a questão enigmática da identidade. Até que ponto iria integrar-se e pertencer a essa nova comunidade, cujas características inerentes eram tão diferentes das suas? Em **The Farming of Bones**, os trabalhadores haitianos ocuparam temporariamente um espaço no país vizinho, mas nunca acharam lá o seu lar.

Em 1929, com o apoio americano, uma fronteira permanente foi estabelecida entre o Haiti e a República Dominicana. De repente os haitianos vivendo no lado oriental, a República Dominicana, passaram a ser considerados estrangeiros, e continuaram falando crioulo. Os dominicanos, detentores de um território maior e mais fértil, herdaram fortes características dos colonizadores espanhóis que ficaram na ilha mesmo após sua independência. O povo dominicano é constituído das mesmas misturas ancestrais dos haitianos, porém em proporções diferentes, havendo uma incidência maior de indivíduos de pele clara. Por conta das suas próprias dinâmicas sociais, a língua falada na República Dominicana é o espanhol, bem diferente do bilinguismo do Haiti.

The Farming of Bones trata de um fato histórico marcante na história desses dois países: o massacre ocorrido em 1937, que recebeu o nome de “El Corte”. Nesta ocasião, mais de 15,000 haitianos (alguns historiadores falam no dobro de vítimas) vivendo na República Dominicana foram assassinados por soldados do Rafael Trujillo — presidente colocado no poder da República Dominicana pelos americanos, depois que estes invadiram a ilha em 1916. Para identificar quem deveria ser morto, os soldados e civis que participaram do massacre pediam a pessoa que pronunciasse a palavra *perejil* (salsa), um som difícil para falantes não-nativos do espanhol. No romance, Amabelle e Yves, amigo de Sebastien, amante da protagonista, conseguem sobreviver a um ataque e chegarem até o Haiti, mas Sebastien e sua irmã são mortos.

O romance, que mescla uma linguagem mais poética e intimista ao narrar os sentimentos de Amabelle por Sebastien, e uma linguagem mais objetiva ao narrar os acontecimentos históricos, aborda a questão da construção da identidade. Amabelle se perde num emaranhado complicado e inextricável de identidade social e nacional, numa

sociedade pós-colonial cheia de distorções sociais. A obra de ficção histórica abre uma ampla janela sobre o massacre de trabalhadores haitianos, os então conhecidos branceiros – cortadores de cana de açúcar – que migram sazonalmente para o país vizinho na esperança de ganhar seu sustento e voltar para seu país de origem com algum dinheiro. Já desfavorecidos no seu próprio país, os trabalhadores haitianos vivem à margem numa sociedade complexa e elitizada, onde a maioria negra alienada representa uma paupérrima condição econômica. Grande parte desses só consegue se exprimir em crioulo, outro importante indicador da formação social do país. Os dois países, que formam uma só ilha, são divididos por uma linha imaginária que separa os dois mundos. Por falta de oportunidade de trabalho em sua terra natal que lhes garanta sustento econômico, os haitianos migram para a República Dominicana tendo que atravessar o rio – fronteira natural que separa os dois países –, deixando para trás a desolação econômica e sonhando com a sobrevivência do outro lado do rio.

Um dos personagens secundários do livro, Padre Romain, de volta para o Haiti depois da tortura e lavagem cerebral que sofreu durante a matança, repete o discurso do vencedor (no caso, os responsáveis dominicanos pelo massacre):

Nesta ilha, qualquer distância que você percorre em qualquer direção, as pessoas falam uma língua diferente. Nossa pátria-mãe é a Espanha; eles vêm do mais escuro continente africano, entende? Vieram para cá para cortar cana, mas agora há mais deles do que jamais haverá cana suficiente para eles cortarem, entende? Nosso problema é o domínio. Diga-me se alguém gostaria que sua casa se inchasse de visitantes, ao ponto deles tomarem o lugar dos seus próprios filhos? Como um país pode ser nosso se nós somos a minoria entre os invasores? Aqueles que entre nós amam o país estão tomando medidas cabíveis para continuar sendo os donos do país. (260; nossa tradução)

No seu artigo “The Site of Memory”, Toni Morrison menciona que um rio se recorda do lugar que ocupava antes de ser reduzido, ou canalizado. O rio é um símbolo extremamente importante em **The Farming of Bones**, já que ele representa a divisão literal entre dois países, como também algo que separa os pais da protagonista, Amabelle, de chegar a sua casa. É nas margens deste rio que Amabelle, quando criança, chora a morte de seus pais. Ao ser encontrada pelos dominicanos ricos Papi e sua filha Valencia, e ter que responder à pergunta “A quem você pertence?”, Amabelle aponta para o peito e diz “Eu mesma”. O rio, além de marcar o leito de morte de seus pais e, possivelmente, da própria Amabelle, e também de Odette, que salva-lhe a vida durante o massacre, é tanto um lugar que inspira poder e medo, como também algo que limpa, que leva vestígios e memórias. Amabelle inveja sua patroa, Valencia, por poder colocar as mãos no caixão de seu filho. “Meus pais não tiveram caixões,” pensa ela (93).

Amabelle tem um determinado tipo de identidade que predomina, de acordo com o contexto em que se encontra. Pode apresentar a identidade básica de um estrangeiro vivendo em solo dominicano, alguém trabalhando em outro país, ou a identidade do gênero feminino. Percy Hintzen entende que o indivíduo é produzido historicamente, e no processo dessa produção e reprodução histórica, tem várias identidades diretamente ligadas com a estrutura da organização ou produção social. Em circunstâncias variadas, o indivíduo pode deixar aflorar certo tipo de identidade. Os mecanismos ativados pelas representações de identidades são determinados pelo conjunto de estruturas ou padrões sociais impostos sobre o indivíduo.

Em relação a essa identidade, duas questões são levantadas com a presença e condição dos trabalhadores haitianos em solo dominicano. A primeira diz respeito à questão da diáspora haitiana na República Dominicana e à manutenção da identidade nacional. Existe a ideia do passado imaginário do povo haitiano, ideia esta que é constantemente produzida e reproduzida ao longo do tempo. A história do país é taxada pela mácula da escravidão. Ocorreu o pérfido desenraizamento dos ancestrais africanos transportados em condições desumanas nos navios negreiros para labutar em um mundo novo, totalmente desconhecido. Neste caso, o passado imaginário do povo haitiano, bem como dos outros povos que habitam a terra, cria concepções de cada indivíduo de si mesmo e de como percebe os outros. Considerando a presença temporária dos imigrantes haitianos no país vizinho, a questão de identidade pressupõe a relevância de aspectos históricos, bem como do contexto espaço-temporal em que se deu. A outra questão é o dualismo existente na auto-identificação do indivíduo. Somos realmente do jeito que nos enxergamos, ou apenas aquilo que os outros dizem que somos?

A condição dos trabalhadores haitianos retratada no romance de Dandicat traz à tona a questão de identidade ofuscada. A busca por um lugar é algo literal, que se aproxima da ideia de nação de Anderson como uma comunidade imaginada. Papi, que se vê como espanhol e exilado, apesar de viver há décadas no Caribe, tem mais sorte que os haitianos da República Dominicana, que são expulsos e mortos do lugar onde trabalham e vivem. Sebastien tenta explicar o destino de seu povo para Amabelle: “Às vezes as pessoas nos campos, quando estão cansadas e zangadas, dizem que somos um povo órfão. Dizem que somos o resto queimado na base do pote. Dizem que algumas pessoas não pertencem a lugar nenhum, e esses somos nós. Eu digo que somos um grupo de vwayajè, caminhantes. É por isso que você teve que viajar até aqui para me

encontrar, porque é isso o que somos” (56). O discurso de Sebastien aparenta ser uma justificativa para sua falta de raízes, mas a questão é que eles não são viajantes porque querem, mas por serem perseguidos e não terem o seu lugar. Ele nunca retorna a sua terra natal, o Haiti, mas Amabelle volta, e mesmo assim lá não encontra um lugar para ela.

A essa auto-concepção negativa do povo haitiano soma-se a percepção que os dominicanos têm deles. Amabelle diz que para eles os haitianos são sempre os estrangeiros. Ela também é haitiana órfã, na verdadeira acepção da palavra. Perdeu seus pais ainda criança quando cruzavam o rio, que separa os dois países. Viu o rio levar o que ela tinha de mais precioso na sua infância. Criada por (e de) uma família dominicana, viveu toda a sua juventude na República Dominicana, onde trabalhou como doméstica. Sendo imigrante haitiana em solo dominicano, de certa forma testemunha os mesmos parâmetros imbuídos nas relações de poder entre os donos da terra e os trabalhadores da terra, entre quem detém o poder e quem se curva diante do poder, ou mais literalmente, entre dominicanos e haitianos. Em vários trechos do livro, essa relação de força desigual é retratada por Amabelle. Logo no início, a protagonista do romance de Dandicat mostra o destrato sofrido pelos haitianos, resumido na descrição que Amabelle faz de seu amante, Sebastien:

Embora os talos da cana de açúcar tenham rasgado a pele brilhosa do seu magro rosto negro, deixando marcas entrecruzadas de cicatrizes profundas, sua beleza resplandia exageradamente na luz da minha lamparina. Seus braços são tão grandes quanto minhas coxas desnudas. São feitos de aço, endurecidos por quatros anos de colheita de cana de açúcar. [...] As linhas da vida haviam se apagado na palma da sua mão por conta dos machados com que cortavam a cana. (1)

As diferenças do tratamento social dado aos dois povos são evidentes na fala de Amabelle. Sendo criada na mesma casa com a Senhora Valencia, eram bem próximas na infância. Na medida em que foram crescendo, as diferenças foram distanciando-as em todos os quesitos da relação social, desde a convivência na casa, no tratamento de respeito por Valencia, que havia se tornado uma dama, até às relações de trabalho. Amabelle narra: “Pensei na Senhora Valencia, que eu conhecia desde ela tinha onze anos de idade. Eu tinha que chamá-la de Senhorita conforme foi ficando adulta. Quando se casou no ano anterior, a chamei de Senhora. Ela, por outro lado, sempre me chamou de Amabelle” (63). No trabalho de parto de Valencia, auxiliada por Amabelle, ocorre uma breve reaproximação. Diz Amabelle: ”Sentamos por algum instante com seus dedos agarrados com os meus, como quando éramos crianças, éramos garotas e dormíamos no mesmo quarto. Embora tivesse que dormir na sua própria cama e eu

numa cama de lona na sua frente, ela me convidava para sua cama depois que o pai fosse dormir e pulávamos sobre o colchão, brincávamos de sombras pretendendo que éramos quatro garotas felizes” (6) Mesmo sendo da mesma idade, Amabelle tinha a responsabilidade de cuidar da Valencia, cenário que se repete agora que a patroa dá à luz: “Tinha que acalmá-la, ajudá-la, como sempre esperava que eu fizesse e como sempre o pai esperava que eu fizesse” (6). Amabelle entende, e não refuta, a sua posição subalterna: “trabalhando para os outros, você sempre deve estar de sobreguarda. Você deve saber se fazer presente e invisível ao mesmo tempo, estar por perto quando precisam de você, longe quando sua presença é desnecessária, porém perto o suficiente caso mudem de ideia” (35).

Essa justificativa da subserviência também se manifesta na explicação de Tibon para o ódio dos dominicanos por eles, haitianos: “O homem pobre, não importa quem ele seja, é sempre desprezado pelos seus vizinhos. Quando você fica tempo demais na casa de um vizinho, é natural que ele se canse de você e passe a te odiar” (178). Tibon, que foge no mesmo grupo que Amabelle, mas não sobrevive a um novo ataque, vê com naturalidade o ódio que resultará em sua morte. Ele, como haitiano, se vê como alguém que abusou da “hospitalidade” dos vizinhos e, por isso, deve ser hostilizado. Uma posição de subserviência, decerto.

Além da relação de trabalho desigual, há um clima de desconfiança entre os dois povos. Quando Juana, a outra haitiana que substitui a protagonista no trabalho doméstico é solicitada, mantendo-se as relações de disparidade social, ela vem correndo. Seus olhos vagam pela sala, na tentativa de evitar o olhar fixo de Valencia. Os olhos da patroa a inspecionam regularmente quando adentra a sala, como se a patroa sempre esperasse pegá-la com algo furtado na mão. A empregada espera pacientemente pelas ordens da patroa, diante da coluna no centro da sala. Logo é esquecida lá em pé na mesma posição.

A desconfiança, embora fruto do preconceito, não nasce por acaso. A República Dominicana tinha sido ocupada duas vezes no século 19 pelos haitianos. A mágoa da invasão esteve sempre presente na memória nacional. A presença de milhares de haitianos no solo dominicano era vista como uma ameaça à soberania nacional, e o próprio presidente Trujillo, ironicamente com ascendência haitiana da parte da sua avó, ordenou o massacre. O ditador dominicano teve como propósito depurar o sangue hispânico das impurezas dos seus vizinhos haitianos, em prol da discriminação onde só

importava imprimir o clareamento da pele. O ditador buscou criar uma identidade nacional que visava purificar a raça e excluir os haitianos da terra. Adotou o falso pretexto da ameaça da presença haitiana, mão de obra importante nas plantações de cana de açúcar na República Dominicana, à soberania do país.

Diante da perplexidade da formação social dos dois países, é difícil entender o posicionamento da protagonista do romance, Amabelle. Sua identidade oscila entre a luz, referente à memória dos seus pais que morreram durante sua pré-puberdade, e as trevas, representadas pela ligação alienada tanto com a República Dominicana quanto com o Haiti. Amabelle nunca conseguiu constituir um lar em lugar algum. Reside nas memórias dos pais e na esperança que lhe resta nos braços do amado Sebastien. Entre um mundo e outro, seu lar se perde na fronteira, no rio onde se afogaram seus pais. Mesmo tendo sobrevivido ao afogamento, nunca deixou de fazer parte daquele lugar. Sua identidade permeia cada grão de areia do rio, cada pedra cuja translucidez se apaga ao afastar-se do rio. Receia se perder, ficar incógnita no espaço que ocupa, porém que não considera seu lar. Sem o seu porto seguro, Amabelle não consegue se situar nem no tempo, nem no espaço.

Retornando à questão do dualismo na identificação do indivíduo, fica evidente que a identidade dos haitianos foi também suprimida pelos dominicanos. Muitos descendentes haitianos, mais abastados, nascidos em solo dominicano, não obtiveram a cidadania dominicana. Estiveram presentes por várias gerações e ostentavam posses diversas. Outros tinham desposado mulheres dominicanas. Formaram uma geração perdida entre as fronteiras das duas nações, mesmo quando nunca puseram seus pés em solo haitiano. Foram considerados estrangeiros cuja identificação bilíngue ainda se fazia sentir com os resquícios das duas línguas mãe, que permaneciam devido aos agrupamentos comunitários que haviam formado.

Entre eles se estabeleceu outro elo de ligação, a de serem haitianos ou descendentes de haitianos que vivem na República Dominicana, que não pertenciam nem ao país que haviam deixado, nem ao novo espaço que ocupavam. Estabeleciam-se relações de interdependência baseadas na presença de indivíduos de origem comum, com características culturais, sociais e linguísticas idênticas. Amabelle relata os momentos que compartilhava com esses indivíduos, quando contavam e recontavam suas vidas, desde a casa onde tinham nascido até os montes onde queriam ser enterrados. Era a maneira que dispunham para transpor as barreiras físicas e temporais, e retornar para o lar que tinham deixado no outro lado da ilha. Através da aproximação

com o outro, o indivíduo procurava testemunhar sua presença naquela parte da ilha e esperava que o outro, se retornasse ao lugar comum de origem, pudesse levar suas memórias para aqueles que haviam sido deixados para trás. Essas memórias eram igualmente exaltadas nas pregações do Padre Romain, que, antes da tortura que o transforma, reconfortava seus compatriotas com seus sermões, lembrando-os dos laços comuns de língua, alimentos, história, música e festividade que compartilhavam. O padre pregava que através da memória do passado, embora dolorosa, os imigrantes haitianos iriam se fortalecer e sobreviver. Como narra Amabelle, “Padre Romain sempre dava importância por sermos do mesmo lugar. [...] Era uma maneira de se juntar a sua vida antiga através da presença de outra pessoa” (73).

Com Amabelle, Valencia parece ter uma vivência mais íntima que com a outra criada, Juana, provavelmente por crescerem juntas. Mas isso não poupa Amabelle de ouvir de sua patroa, preocupada com a filha-bebê, que nasceu menos clara: “E se ela for confundida com alguém da sua gente?” (12). A alegoria dos gêmeos, os bebês de Valencia, é impactante no começo do romance. O bebê que nasce primeiro, mais forte, mais branco, e homem, recebe toda a atenção do pai, tanto que será batizado com o nome do ditador da República Dominicana, Rafael. Já Rosalinda nasce com o cordão umbilical apertando-lhe o pescoço, como se o mais forte tentasse estrangular o mais fraco (e mais negro). Valencia, que ama seus dois bebês, os apelida de “Meu príncipe espanhol e minha princesa índia” (29), numa tentativa de localizar as crianças no espaço, ao mesmo tempo em que associa o herdeiro desejável ao colonizador dominicano, a Espanha, e a menina fraca e escura aos nativos, os índios. No entanto, quem acaba se revelando mais forte e sobrevivendo é Rosalinda. Para a surpresa de todos, seu irmão morre. E Amabelle aponta que a sombra do bebê morto “sem dúvida seguiria sua irmã por toda a sua vida” (119). Por mais que Rafael esteja morto, ele vai perseguir — ou amaldiçoar — a vida da irmã. Apesar das diferenças, eles são gêmeos, vieram do mesmo ventre, como se fossem uma ilha separada por um rio para formar uma fronteira arbitrária entre duas nações. A alegoria torna-se ainda mais marcante quando Amabelle explica por que não deu ouvidos aos boatos dos assassinatos de Trujillo: “Era um assunto entre nossos dois países, entre dois povos diferentes tentando compartilhar um pequeno pedaço de terra” (147). O ventre de Valencia pode ser visto como esse pequeno pedaço de terra, uma área de conflito entre dois irmãos. O nascimento de bebês representa sair de um lar (o útero materno, onde estão

relativamente seguros) para tentar ocupar um espaço. “Bebês se lembravam do seu nascimento com seus corpos e tinham que repetir aquilo muitas vezes antes que pudessem se esquecer” (258). Mas, no caso, Rosalinda nunca esquecerá.

Antes do massacre, Amabelle nutre sentimentos até carinhosos por seus patrões. Por exemplo, ela se identifica não com seu povo, mas com Papi, pai de Valencia: “Assim como eu, Papi havia sido deslocado de sua terra natal; ele se sentia a criança órfã de um povo órfão. Talvez por isso ele geralmente parecia ser mais bem disposto aos estrangeiros para os quais este lado da ilha não fora sempre um lar” (78). Mas Amabelle se esquece que, apesar de Papi ser um estrangeiro, ele vem do país rico e colonizador, não do país explorado. Sebastien tenta conscientizar Amabelle de que ela não é, nem nunca será, uma dominicana: “Para eles nós seremos sempre estrangeiros, mesmo que as avós das nossas avós fossem nascidas neste país. Isso torna mais fácil pra eles que nos empurrem quando quiserem” (69). Ademais, Amabelle tenta justificar sua subserviência: “Señor Pico tem rifles, e estamos em sua propriedade”. Ao que Sebastien, muito mais consciente de sua condição de estrangeiro, e de empregado, responde: “O ar que respiramos é sua propriedade?” (53).

Pode ser que falte a Amabelle essa consciência política porque, afinal, ela vive cercada por sombras e memórias, com relações com outras pessoas baseadas em um mundo irreal. Antes de Sebastien, tudo a que aspirava se diluía na lembrança da sua infância, num mundo habitado por fantasmas e imagens inertes, com poucas lembranças que ainda tinha do país que havia deixado, do lugar que morara e das pessoas com que convivia e que nunca mais reencontraria. É Sebastien quem lhe serve de ponte para o mundo real; seus braços lhe dão segurança. Quando se ausenta, nada é capaz de resgatá-la dos seus fantasmas. Mais do que um companheiro, Sebastien era sua posse legítima, a única que tinha herdado de alguém. Quando ele morre no massacre, ela fica verdadeiramente órfã.

Essa dicotomia entre os dois países e os dois gêmeos se repete na personalidade de Amabelle. Apesar de se identificar um pouco mais com seus patrões que com seu povo, a protagonista, no fundo, não finca raízes em lugar algum, e nem parece estar preocupada com isso. Seu norte é Sebastien, como ela resume numa frase, logo no início do romance: “Tenho medo de deixar de existir quando ele não está aqui” (2). Ela se vê como um espírito imaterial: “Talvez porque meus pais morreram jovens, eu nunca me imaginei mais velha do que eu era, muito menos vivendo o bastante para ter meus próprios filhos. Antes de Sebastien, todos os meus sonhos haviam sido do passado: do

país antigo, de lugares e pessoas que eu nunca veria de novo” (32). Depois do massacre, quando perde Sebastien e sua esperança de felicidade, Amabelle ainda vive por pelo menos mais 24 anos (o final é ambíguo sobre o destino da protagonista), ao lado de Yves, que trabalhara na mesma fazenda que Sebastien na República Dominicana. Yves lhe diz que voltará à terra dele, e a convida. Ela tenta dizer “que sim, eu iria com ele. Eu iria com ele aonde fosse seu lar, e tentaria esquecer tudo que aconteceu na jornada, e aguardaria que Mimi e Sebastien retornassem” (215). Mesmo sabendo que eles não retornarão, sua vida se resume a uma espera inútil. No final, Amabelle diz: “Eu não podia escapar de mim porque não tinha lugar para ir” (270). Seu lugar, seu porto seguro, é Sebastien, que não vive mais. Inclusive, morte é espaço. Céu e inferno podem ser lugares, mas a morte em si não é um lugar, por ser separada da vida, fora da vida. Como a protagonista nunca menciona a vida depois da morte, não sabemos se Sebastien encontrou um lugar, o paraíso.

Ao mesmo tempo que Amabelle não existe sem Sebastien, a dicotomia está no fato que ela também chama a atenção para seu corpo, representado pela dor que sente. Corpo e alma, material e espírito, são como os gêmeos: habitam o mesmo espaço, mas há rivalidade entre eles. Amabelle diz: “Faz com que a gente entenda que a carne é como todo o resto. Não é diferente, a carne, de fruta ou algo que apodrece. Não é mágico, não é sagrado. [...] Não é nada. Nós somos nada” (213). Com tempo para refletir sobre o massacre, Amabelle decide: “Agora a minha carne é simplesmente um mapa de cicatrizes e machucados, um testamento manchado” (227). A analogia entre carne e mapa é interessante, pois um mapa supostamente pode levar a um lugar, ou, ao menos, a um espaço. Mas o mapa, neste caso, é o próprio corpo de Amabelle, e não há ninguém para segui-lo.

Se Sebastien é o lugar de Amabelle, sua carne é seu espaço, um corpo que ela se recusa a ocupar. Mais adiante, ela aponta: “Durante muitos meses, enquanto eu imaginava a volta de Sebastien, eu pensava se minha carne sentiria qualquer coisa que não fosse dor” (250). Sua carne pode ser ocupada apenas por dor, dor que, por mais que seja consequência do espancamento de que foi vítima por parte dos civis dominicanos, é causada mais ainda pela ausência de Sebastien. Na carne de Amabelle habita mais que um espaço que jamais será preenchido — habita uma ausência.

Essa ausência faz com que Amabelle recuse aquele que lhe oferece um lugar, que é Yves, amigo de Sebastien que sobrevive e foge com ela. Pragmático, Yves

reconhece a importância da terra. Ele sente que o Haiti é a sua terra natal e, embora traumatizado por sua quase-morte, volta e trabalha para ocupar o seu lugar. Amabelle narra que “quanto mais ele produzia, mais terra ele comprava” (273). “Com o crescimento de sua fortuna, Yves acrescentou mais quatro quartos ao pátio, dois deles meus e somente meus” (269). Apesar dessa frase parecer possessiva, ela revela mais sobre Yves, para quem ter um lugar é essencial, que sobre Amabelle. Ela considera os dois quartos “somente seus”, mas isso é para que ela possa se refugiar de seus fantasmas. Quando morava no Haiti e se encontrava com Sebastien à noite, ela também tinha um quarto só para ela. Mas ela não considera que ocupar um espaço faça dele um lugar, e nem que ter um lugar traga liberdade. Essa visão é diferente daquela da irmã de Sebastien, Mimi, também morta durante o massacre. Ela crê que a família deve se responsabilizar por cuidar de seus parentes. Logo, cabe a ela, não a Amabelle, que não é vista como parte da família, cuidar de Sebastien. “Quando você e meu irmão montarem uma casa juntos, então talvez eu me liberte” (64), diz Mimi. Para ela, construir um lugar físico equivale a liberdade.

Este sonho, e muitos outros, é interrompido pelo massacre. Ao voltar para o Haiti, Amabelle conhece Man Rapadou, a mãe de Sebastien e Mimi, que agora vive tendo pesadelos: “Eu sempre acordo antes de chegar à terra, mesmo que eu me veja chegando mais perto do chão a cada dia” (275). Por seus filhos estarem desaparecidos, ela nunca vai se libertar da obrigação de cuidar deles: “Gostaria de ter esperança que [meus filhos] estivessem morando em algum lugar, mesmo que eles nunca voltassem a me ver novamente” (242).

Talvez para ter esta sensação de que está fechando um ciclo, Amabelle, no final do romance, decide visitar sua vila na República Dominicana, 24 anos depois de ter fugido de lá. Valencia sequer a reconhece no início, o que faz Amabelle pensar: “Que ela não me reconhecesse me fez sentir como se eu tivesse voltado a Alegría e descoberto que o lugar nunca existiu” (294). De fato, para Amabelle, a República Dominicana nunca fora seu lugar. Mas tampouco o fora o Haiti. Ela reforça esse sentimento, sentindo-se “como se estivesse num lugar onde nunca tinha estado antes. Toda casa era uma fortaleza, toda pessoa uma intrusa” (289). Essas sensações — de ela estar num lugar onde nunca esteve e que sequer existiu, tanto ela (Valencia não a reconhece) quanto o lugar — são condizentes com sua personalidade e também com a realidade do seu país, o Haiti, incapaz de transformar seu espaço de terra num lugar, num país minimamente próspero. Amabelle se justifica: “Terra é algo com que você se importa

apenas quando tem herdeiros. Todos meus herdeiros seriam como meus ancestrais: aparições, sombras, fantasmas” (278). Desta forma, Amabelle povoa o Haiti com gerações e mais gerações de fantasmas, condenados a vagar para sempre num espaço que teima em não virar um lar.

REFERÊNCIAS

- Alcoff, Linda. “The Problem of Speaking for Others.” **Cultural Critique** (Wint. 1991-92). 5-32.
- Anderson, Benedict. **Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism**. Nova York: Verso, 1983.
- Danticat, Edwidge. **The Farming of Bones**. Nova York: Penguin, 1999.
- Harvey, David. **The Condition of Postmodernity**. Oxford: Blackwell, 1999.
- Hintzen, Percy. “Racial and Ethnic Identity in the Caribbean.” **The Blackwell Companion to Racial and Ethnic Studies**. Ed. John Solomos, David Goldberg. Oxford: Blackwell, 2001.
- Jameson, Fredric. “Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism.” **New Left Review**, 146, 53-92. 1984.
- Morrison, Toni. **Tar Baby**. Nova York: Alfred A. Knopf, 1993 [1981].